

INFORMATIVO

SECRETARIADO DIOCESANO DE PASTORAL
Rua Capitão Chaves, 60
26.000 - Nova Iguaçu, RJ.
Tel. (021) 767-0472

Ano 1 Nº 12
Agosto/ 1978.

1º ANO DE INFORMATIVO — 1977 - 1978



Neste número: 4. Carta do bispo diocesano sobre a "Pastoral Operária".
7. Desemprego.
12. História da Classe Operária no Brasil (3).

EDITORIAL

UM ANO DE INFORMATIVO:

Quando se faz aniversário, é também um momento de reflexão do tempo vivido. É hora de olharmos para trás e pensar no que foi feito ou se deixou de fazer.

No editorial do número zero, D. Adriano tentou explicar o por que e para que do INFORMATIVO.

Diz ele: "Nossa diocese tem dois órgãos oficiais: O Boletim (...) que é um órgão da Cúria Diocesana a serviço da diocese. Predominam de longe os assuntos oficiais. A Folha, tem como seu objetivo principal a Liturgia encarnada na vida".

"... nossos dois órgãos precisam ser completados. Precisamos de mais comunicação dentro da diocese, entre as paróquias, entre os movimentos, entre os agentes de pastoral..."

Para completar este espaço que até então estava vazio, foi lançado O INFORMATIVO.

Qual tem sido, neste primeiro ano de vida, a característica do Informativo?

Com as dificuldades que marcam os primeiros tempos de qualquer iniciativa, o Informativo desde o seu número zero se caracterizou como um órgão que tentou aprofundar e divulgar a linha da Pastoral da Diocese, nitidamente favorável em discutir, denunciar, analizar e refletir os problemas sentidos e sofridos pela população da nossa Baixada Fluminense.

Por outro lado, o Informativo procurou mostrar mais a Diocese como um todo, onde suas diversas regiões pudessem se articular e conhecer iniciativas que antes pareciam isoladas e hoje ficam mais próximas. Isto ficou marcado desde o número zero onde se mostrou como funciona a Diocese e como funcionam suas regiões. Hoje, temos uma agenda pastoral que permite se conhecer as diversas iniciativas dos diversos movimentos que existem.

Procuramos analizar a realidade brasileira fornecendo dados concretos que pelo menos expliquem o por que da nossa situação e aos poucos vamos vendo que esses dados explicam mas não justificam a situação de opressão vivida pelo povo.

Nos noticiários tentamos mostrar e colher as iniciativas,

existentes não só na Diocese mas em todo o país, do povo fren-
te à sua situação de exploração e miséria. É o caso das notíci-
as sobre a Pastoral Operária, Movimento do Custo de Vida (SP),
greves operárias (SP), Educação Popular, Instituto de Jovens ,
enfim, uma série de iniciativas de luta do povo.

Tentamos também analizar um pouco essa situação e for-
necer dados para essa análise. Fornecemos artigos que mostram
um pouco a história da classe operária. Enfim, é um esforço /
de ocupar o espaço que os dois órgãos existentes ainda não pre-
enchiam.

Mas ficam sempre na nossa cabeça as perguntas. Estamos/
ocupando esse espaço? Estamos completando e complementando os
outros? O que precisa melhorar e ser corrigido?

Não somos nós que trabalhamos no Informativo que pode -
mos responder, estas perguntas só podem ser respondidas pelos/
leitores.

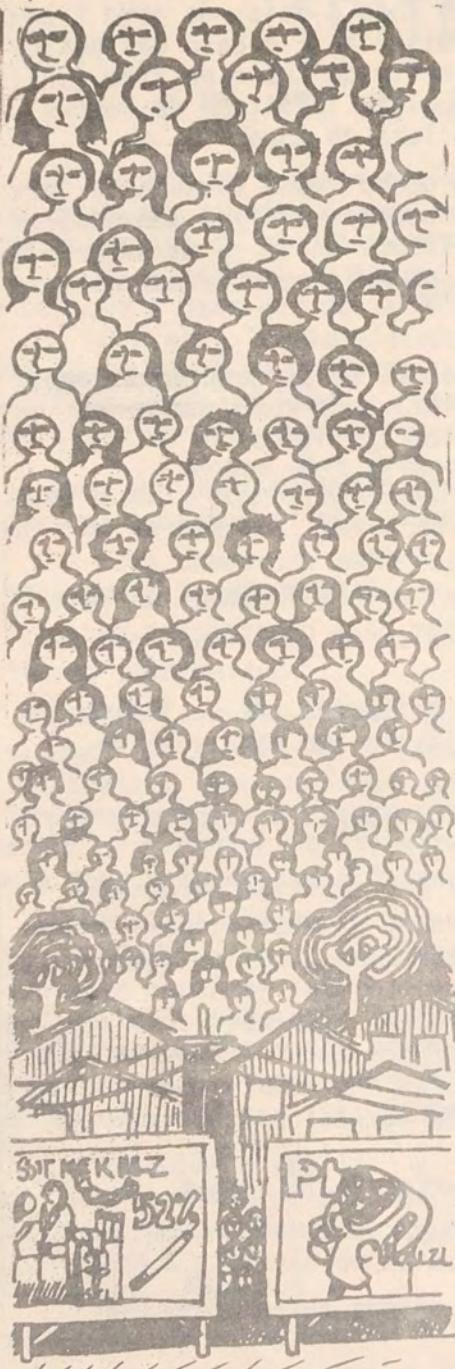
Uma comunicação maior dos leitores é fundamental para /
corrigir falhas existentes e orientar para os aspectos mais /
sentidos pelos leitores.

Como disse D. Adriano no 1º editorial, "...o Informativo
terá vida longa". Pois é, o primeiro ano está vencido.

1º ANO - 1º ANO -

Você é convidado a responder as seguintes perguntas e
enviar sua opinião para a redação do Informativo. Assim você/
decidirá sobre o futuro do INFORMATIVO.

1. O que mais lhe agrada no INFORMATIVO? Por que?
- Editorial - Análise e dados sobre a realidade
- Notícias da diocese - Notícias gerais
- Dados sobre a classe operária
- História do Zé Marmita
2. O que menos lhe agrada no INFORMATIVO ? Por que?
3. Você acha importante o INFORMATIVO?
SIM NÃO Por que?
4. Você tem utilizado o INFORMATIVO diretamente no seu trabalho
pastoral ? Como ?



CARTA DO BISPO DIOCESANO SOBRE A «PASTORAL OPERÁRIA»

Meus prezados amigos, agentes de pastoral: Nossa diocese, como todos sabem, assumiu a pastoral operária como prioridade. Gostaria de esclarecer melhor o tema para vocês.

1. Pastoral é o nome que damos à atividade de nossa Igreja, enquanto por sua atuação a Igreja realiza o plano de Deus. Trata-se da mesma tarefa que Jesus Cristo assumiu e realizou. Jesus, o «bom pastor» (Jo 10,1-18), «pastor de nossas almas» (1Pd 2,25), «primeiro de todos os pastores» (1Pd 5,4) confia à Igreja a missão de «pastorear» a humanidade, levando-a até o Pai (cf. Mt 5,13-16; 26,16-20; 25,31-46; Jo 21,15-19; 1Pd 5,2 etc.). Nesta linha de ação está a Igreja, estamos nós. Tudo aquilo que, na consciência de nossa identificação com Jesus Cristo, fazemos, como Igreja, para realizar o plano salvífico do Pai, para construir o Reino, para servir os nossos irmãos no seu anseio de libertação total e definitiva, é pastoral. Pastoral é construção do Reino. Pastoral é serviço de amor.

2. Mas serviço prestado a quem? A situação concreta da comunidade humana é que determina os aspectos particulares e concretos da pastoral. A pastoral toma sua matéria-prima da situação concreta em que vivemos. Daí por que uma pastoral da Baixada Fluminense não pode ser a pastoral do Amazonas nem muito menos a pastoral da Suíça ou dos Estados Unidos. Daí por que a pastoral de hoje não pode ser a pastoral da Idade Média ou da Igreja primitiva. Daí por que a pastoral de uma região agrícola não pode ser a pastoral de uma região metropolitana. Os condicionamentos das pessoas e das comunidades, aqui e agora, condicionam os aspectos práticos da pastoral. Aqui temos aquilo que João XXIII e o Vaticano II chamaram de «sinais dos tempos» (cf. UR 4; AA 14; PO 9; GS 4). Considerar, valorizar, aproveitar estes sinais dos tempos como pista que Deus nos oferece para nossa inserção e participação, é uma questão essencial para nossa pastoral e todo trabalho apostólico.

3. Temos assim de abrir os olhos para a realidade de nossa Baixada. Embora faltem estatísticas rigorosas, podemos aceitar como verdadeiro que a população da Baixada Fluminense e de nossa diocese cresce de 10 a 12% anualmente. Sobretudo por imigração. Milhares de pessoas, geralmente pessoas jovens e válidas, deixam a miséria, a rotina, a desesperança da agricultura — Nordeste, Minas, Espírito Santo, Norte do Estado do Rio — para tentarem a

sorte nesta região metropolitana que, por vários motivos e apesar de todos os defeitos, ainda continua sendo privilegiada no contexto nacional. Ainda outro dia um pedreiro que trocou a agricultura de Alagoa Nova, na Paraíba, pela construção civil na Baixada me dizia o que todo o mundo diz: «Lá na Paraíba, na roça, ninguém dá valor ao trabalho da gente. O jeito é sair pelo mundo». O êxodo rural é consequência de uma falsa solução dos problemas nacionais. Mas é um fato.

4. Aqui na região metropolitana estes agricultores tentam o futuro. Aqui é melhor apesar de tudo. Aqui futeiam no escuro mas acabam descobrindo nas fábricas e na construção civil vantagens impossíveis na sua terra de origem. Apesar de tudo continuam sendo as pessoas simples, sóbrias, conformadas até o fatalismo, rotineiras, pacíficas, religiosas que sempre foram no seu ambiente agrícola anterior. É com este povo deslocado, espiritualmente rachado — agricultores travestidos de operários — que nós devemos construir Igreja e Reino de Deus. Compreendemos assim por que temos de dar à pastoral operária um carinho especial, considerando-a prioritária numa diocese de periferia como é a diocese de Nova Iguaçu. Evidentemente não estamos aqui numa área industrial caracterizada como, por exemplo, o Ruhr na Alemanha, Manchester na Inglaterra, Namur/Liège na Bélgica, Detroit nos Estados Unidos. Nossa situação é ainda ambígua. Não tem fisionomia caracterizada, a não ser que se considere fisionomia precisamente o fato de não termos rosto próprio. Desta ambigüidade inegável decorrem muitas dificuldades para a pastoral. Sofremos muito em nosso esforço de conscientização e temos ainda muito peso de cruz pela frente. Mas há pastoral, há identificação com Jesus Cristo, há serviço dos irmãos sem a marca da cruz?

5. É uma questão de «justiça» e de «caridade pastorais» nós nos preocuparmos com esta multidão imensa de «operários» de espírito rural que são o maior contingente humano da Baixada Fluminense, suas famílias, suas necessidades e problemas, suas frustrações e traumas, seus anseios e esperanças. Aí temos a pista, dai tiramos sugestões para o nosso trabalho pastoral. Em todos os aspectos pastorais de nossa diocese podemos e devemos dar atenção a este aspecto básico que é: o grosso de nosso povo é ou tem conexão íntima com uma classe operária em formação. Na catequese e na pregação, na liturgia e nas comunidades de base, nos círculos bíblicos e nos cursilhos, nos encontros e reuniões, nos movimentos e nas associações, na ação social e na preparação para os sacramentos devemos ter sempre diante dos olhos o fato de que a maioria de nossos fiéis





e de nosso povo são operários ou membros de famílias operárias, são operários ou pessoas que nos diversos serviços públicos tanto oficiais como particulares lidam com a classe operária. Esta consideração deve orientar e dar formas mais concretas à nossa palavra e à nossa atividade pastoral.

6. A opção pela pastoral operária, como uma das prioridades de nossa diocese, tem sentido. Não é veleidade. Não é hobby de uns poucos. Tem sentido, porque responde ao desafio concreto da Baixada Fluminense. Tem sentido a partir do mistério de Cristo e do mistério da Igreja. O bispo diocesano está profundamente convencido desta situação e por isto mesmo de nossa responsabilidade pastoral. Todos nós que, conscientemente, fraternalmente, nos deixamos envolver pelo plano de amor de Deus para melhor servirmos os irmãos, todos nós que somos e, com a graça de Deus, merecemos ser agentes de pastoral numa área excepcional como é a Baixada Fluminense, devemos refletir mais seriamente sobre o assunto da pastoral operária, devemos engajar-nos com mais decisão. Esta pastoral corresponde à situação social da região metropolitana do Rio de Janeiro.

Temos feito muito esforço para motivarmos os nossos agentes de pastoral, para nos conscientizarmos, para nos engajarmos. Neste sentido haverá proximamente um encontro de reflexão.

Virá, para nos orientar, o bispo auxiliar de São Paulo Dom Angelico Sandalo Bernardino, encarregado da pastoral operária. Para o clero e as religiosas de paróquia haverá o primeiro encontro no dia 11 de julho próximo. Para todos os interessados está previsto um segundo encontro, em setembro provavelmente, com data ainda não prevista.

Para estes encontros quero convidar todos os padres e religiosas de paróquia; todas as religiosas e todos os leigos engajados.

Fraternalmente,

Adriano, bispo diocesano
Nova Iguaçu, 22 de junho de 1978

D E S E M P R E G O

S " De janeiro (77) para cá, uma onda de desemprego atinge
E na região do ABC Paulista, formas grandes e pequenas, prin-
M cipalmente nos setores metalúrgicos e automobilísticos. As
P filas nas portas das fábricas e nas agências de empregos/
R mostram quao numerosos são aqueles que procuram trabalho,
E prova de uma grande rotatividade de mão-de-obra" (Infor-
G mativo Nº 3 pág.6).

O " Se um servente tenta lutar por seus direitos, exigindo
carteira,etc..., o empresário logo arranja um substituto,
já que é grande o número de desempregados querendo tra-
balhar. Não é também à toa que é sempre grande essa massa /
de desempregados e sub-empregados ou biscateiros".(Infor-
mativo Nº 5 pág.9).

O problema de desemprego não existe só no Brasil. É um
problema do mundo capitalista. Também nos Estados Unidos e nos
países da Europa ocidental, grande número de trabalhadores lu-
tam com o problema de desemprego. Enquanto que nos países indus-
trializados o nível de desemprego oscila entre 5 a 10% da popu-
lação economicamente ativa, nos países do terceiro mundo este /
nível chega a proporções bem maiores. Economistas que defendem/
o sistema capitalista, sustentam que o próprio desemprego faz
parte do sistema e é necessário para a sua sobrevivência.

Em outras palavras: a dificuldade de vida (para países
industrializados) ou a miséria (no terceiro mundo) de uma parte
dos trabalhadores é indispensável para manter o sistema econômi-
co.

Na maioria dos países industrializados existe um auxí-
lio-desemprego - mesmo para jovens adultos que nunca trabalha-
ram e não conseguem emprego - que permite a sobrevivência da fa-
mília operária. A situação de desemprego pode demorar meses ou
anos seguidos, o operário continua ganhando o auxílio desempre-
go. O maior problema dos desempregados destes países é de ordem
psicológica: a vergonha de ganhar a vida sem trabalhar. Na maio-
ria dos países do terceiro mundo - que tem bem mais desemprega-
dos - falta um sistema de auxílio-desemprego adequado. Em nosso
país por exemplo, existe o sistema de Fundo de Garantia de Tem-
po de Serviço (FGTS). Em primeiro lugar, existe fundo só para
quem já trabalhou de carteira assinada. O jovem que nunca tra-
lhava e, procurando emprego num país onde tem grande número de

desempregados, não encontra serviço, consequentemente não tem de que viver. Em segundo lugar, o FGTS é um auxílio-desemprego que não se repete. Tomamos o exemplo de um pedreiro que trabalha numa grande obra no Rio. A construção fica pronta depois de dois anos e a empresa destaca ele para uma obra em Salvador. O pedreiro não tem condições de se mudar com a família toda para a Bahia. Se ele tiver sorte, a empresa dá o aviso prévio (em vez de ele pedir demissão) e ele tem o direito de retirar o fundo. Se depois de dois meses ele não encontrar outro serviço, ele fica impossibilitado de sustentar a família. É capaz dele ficar cinco meses sem emprego e só tem dinheiro para viver durante dois. Mesmo nas indústrias mais estáveis, há uma grande rotatividade de mão-de-obra (cf. Introdução). Assim, muitas famílias operárias ficam expostas ao rodízio: uns meses de trabalho - outros tantos de desemprego.

Qual é a causa desta maneira de organização do mundo do trabalho?

A causa profunda de tudo isto é que no mundo capitalista, as empresas não visam o serviço à humanidade. Este sistema econômico busca em primeiro lugar os "superlucros".

Os patrões não estão interessados em fornecer trabalho para todos, nem em produzir aquilo que a humanidade mais precisa/ (se investe mais na indústria de armas do que na agricultura, educação, etc...). O lucro é o deus que determina os mandamentos econômicos. Quanto mais se produz com menos número possível de operários, tanto mais lucro.

Consequências desta busca de lucros

As empresas se modernizam até chegar ao máximo de "automação", coloca-se uma nova máquina, dispensa-se 10, 20 ou 50 operários que vão juntar-se à multidão de desempregados. Esse exército de desempregados é uma ameaça aos trabalhadores. Começando a lutar por seus direitos, os trabalhadores facilmente são substituídos por operários que estão com fome e aceitam qualquer salário para salvar a própria pele. O grande número de desempregados abaixa também automaticamente o nível dos salários. Trabalhando muito então para ganhar pouco, muitos dos operários aceitam (e precisam) fazer "horas extras", fato que diminui ainda mais a oferta de empregos.

Se a "automação" poderia ser um elemento para tornar o trabalho mais leve, constatamos que o operário passa a trabalhar 7

mais horas (horas-extras). Além disso, em muitas empresas se instituiu os "incentivos" à produção. Assim, mesmo com a máquina hiper-moderna, o trabalhador é obrigado a produzir sempre mais. Ganhá é emprego, quem tira a última gota de sangue do seu organismo, em troca do produto final.

A situação dos desempregados

A situação dos desempregados, sendo uma consequência do mesmo sistema capitalista, é a mesma nos vários países do terceiro-mundo. Como exemplo citamos uma pesquisa da Juventude Operária Católica da Índia.

- os desempregados são olhados com desprezo e considerados como preguiçosos, em suas casas e na sociedade em geral
- eles são uma "carga" para seus próprios pais
- eles se sentem frustrados, muitos se suicidam
- eles emigram das áreas rurais para as cidades, mas nelas os esperam muitas decepções
- muitas jovens caem nas casas de prostituição
- mesmo as jovens com instrução, aos milhares, caem na prostituição
- os desempregados não têm nenhuma "esperança" na vida
- para a maioria dos postos, exige-se experiência prévia do trabalho a fazer
- para as jovens, as principais qualificações exigidas são que sejam bonitas e de boa aparência
- muitas companhias, escritórios e firmas organizam um verdadeiro assalto ao solicitar candidaturas para uns poucos postos, ganhando milhões dos desempregados
- até para pequenos empregos se necessita apresentação de gente importante e políticos
- os jovens desempregados vêem afetadas suas perspectivas de casamento
- E - ao se verem desempregados, muitos se entregam à desordem, ao contrabando, ao roubo, etc.
- E - não existe seguro social: na Índia, a sociedade não é considerada responsável pelos desempregados
- R - o direito ao trabalho não é um direito fundamental
- R - a educação que se dá não é orientada ao trabalho.
- E

G O - D E S E M P R E G O - D E S E M P R E G O

A HISTÓRIA
DO ZÉ MARMITA

Capítulo 6.

Terminada a reunião, embora já fosse um pouco tarde, umas 7 horas da noite, o grupo se dividiu. Uns foram para casa jantar, outros resolveram ficar por ali conversando um pouco, / alguns casais de namorados foram namorar um pouco e um outro / grupo resolveu comemorar com uma cerveja na venda do seu Manoel.

Zé Marmita já ia para casa para jantar e descansar já que o dia seguinte era 2ª feira, início de mais uma semana de trabalho.

Ei seu Zé Marmita, gritou Chico Miúdo, vamos lá na venda do seu Manoel tomar uma cervejinha prá comemorar nossa reunião. - Olha pessoal, amanhã é dia de trabalho - respondeu Zé Marmita, dia de acordar cedo prá dar o couro.

É rápido seu Zé Marmita, falou Pedro Marreta, é só prá esfriar a garganta. Zé Marmita acabou se juntando ao grupo e foram para a venda do seu Manoel. A venda do seu Manoel estava sempre cheia aos domingos, já que vendia desde feijão e arroz / até a cachaça. Por outro lado, a venda acabava sendo o ponto de encontro dos moradores, já que sendo um bairro pobre, não havia outros atrativos onde o pessoal trabalhador pudesse se divertir depois de uma semana de trabalho árduo.

A turma foi sì chegando e abrindo caminho para chegar ao balcão. Pediram a cerveja e enquanto bebiam iam trocando ideias sobre a reunião.

Chico Miúdo, um jovem trabalhador, servente numa construção na cidade, comentava que tinha gostado muito, principalmente de ver que os problemas dele eram dos outros.

Pedro Marreta gostou mais do fato de se falar nos problemas, tanto os problemas de família até os problemas do trabalho e a dureza da vida. Como apontador, Pedro Marreta fez até as contas do que ganha e do que gasta e viu que seu salário dava apenas para ele continuar vivendo e olhe lá.

A turma tava conversando e Lúcio comentou: - Vocês estão vendendo aquele cara lá, como bebe não é? - Zé Marmita olhou e comentou: - aquele lá trabalha de servente lá na obra. Seu nome é Juracy Pé de Cana, vocês precisam conhecê-lo, um bom sujeito. Ele é sergipano e veio só. Não tem família e lá na obra o pessoal cai em cima dele. É aquele papo que a gente tava tendo/ na reunião, comentou Zé Marmita, sobre a nossa desunião.

Quando Zé Marmita ia contar um pouco sobre Juracy Pé de cana, um senhor que estava perto do grupo abordou o Zé Marmita e perguntou: O Sr. é o Zé Marmita não é? - Pois é, continuou ele, eu estava escutando a conversa de vocês sobre essa tal reunião. Sei, disse Zé Marmita, eu não conheço o Sr. mas a reunião da rapaziada foi muito boa. - Pode me chamar de Zé Governo, disse o outro. O que não entendo, continuou Zé Governo, é o que o Sr. tava fazendo numa reunião que, pelo que escutei, nem o Sr. sabia do que se tratava. - Olha seu Zé Governo, disse Zé Marmita, eu estava querendo saber onde estava meu filho, e soube dessa reunião e fui saber onde ele estava metido.

Não sei não, retrucou Zé Governo, mas pelo que escutei percebi que você disse ser daqueles maníacos que depois de uma/semana de exaustivo trabalho, ou vai procurar um velório ou então uma reunião igual a essa. - Mas pera lá, seu Zé Governo, interrompeu Pedro Marreta, não sei porque o Sr. está dizendo isso, mas a reunião foi muito boa para nós, e a presença do seu Zé / Marmita foi muito importante.

Eu digo isso, falou Zé Governo, porque quero dizer para o Zé Marmita que ele é um coroa prá frente, daqueles que costumam se cercar da juventude para, tentando orientá-la, e superiorizando a sua real limitação, desorganizá-la com o seu exagerado pessimismo e sua oratória.

Pedro Marreta se esquentou. -Eu não sei qual é a do Sr, disse Pedro Marreta, mas você, seu Zé Governo, deve ser desses muitos que andam por aí a dizer que a juventude não presta, que é viciada e vive de assaltos,etc.O que você nunca quer saber é porque existe assaltos e viciados. Você seu Zé Governo, não quer saber nunca como vive o trabalhador e sua família:

Eu sei quem são os trabalhadores, disse Zé Governo, e vocês devem ser daqueles operários que fazem "cera" no trabalho para garantir o "cerãozinho noturno" e com isso garantir o leite das crianças, mas não vêem que pela necessidade e austúcia , vocês estão explorando o seu patrão, o seu Estado, o seu país e o futuro dos nossos irmãos cristãos.

Zé Marmita tentou acalmar os ânimos da discussão, mas desistiu. Zé Governo invocou sua condição de cristão, católico e congregado, citando as páginas 218 e 132 do Manual dos Congregados. Citou o 4º Mandamento dos congregados que diz:"Faltei ao respeito com meus superiores?" Citou ainda os 7º e 10º Mandamentos dos Congregados que diz:" Prejudiquei alguém roubando, estragando ou impedindo seu lucro? Não trabalhei de acordo com / meu salário?". AGUARDEM! O CAPÍTULO 7 VAI SER QUENTE!

HISTÓRIA DA CLASSE OPERÁRIA NO BRASIL (3)

Este é o terceiro de uma série de artigos sobre a história da classe operária no Brasil.

Antes de 1919 havia no movimento operário diferentes linhas, grupos, correntes de idéias e formas de ação. Todos concordavam que era preciso lutar contra a exploração capitalista. O grupo mais forte e influente foi o movimento anarquista.

Hoje a palavra anarquista é usada no sentido de desordem. Mas o seu verdadeiro sentido, como era usado naquele tempo, significava um conjunto de idéias sociais e políticos que inspiravam operários e intelectuais não só no Brasil mas em quase todos os países da América Latina, América do Norte e Europa.

Foram principalmente os trabalhadores imigrantes que trouxeram da Europa para cá as idéias e a prática anarquista.

O Movimento Anarquista

Os anarquistas, que também se chamavam socialistas libertários ou simplesmente libertários, assim pensavam:

1. Eram contra o capitalismo, sistema de organização da sociedade no qual:

- uma minoria é proprietária dos meios de produção, desde a terra até as máquinas;
- a maioria da população é proletarizada, só possui sua força de trabalho que é obrigada a vendê-la ao capitalista em troca do salário, para poder sobreviver;
- o capitalista, dono dos meios de produção, paga ao trabalhador, como salário, uma pequeníssima parte daquilo que ele produziu;
- o capitalista apropria-se, na forma de lucro, da maior parte da produção do operário, e com isso aumenta seu capital;
- o trabalhador, recebendo um mínimo, fica sempre mais pobre, enquanto o capitalista se torna sempre mais rico.

2. Eram contra o Estado, governos, que mesmo eleitos pelo povo, o povo transfere para alguns o direito e o poder de decidir sobre a organização social. Eram contra o governo da sociedade capitalista, que defendia os interesses dos capitalis

ta. Mas também se opunham a qualquer forma de Estado, mesmo que não fosse capitalista. Isso porque acreditavam que quando um povo concede poder a um grupo de governantes, que se torna mais poderoso que a maioria da população, esses governantes se corromperão e buscarão apenas seu interesse oprimindo e explorando o povo. A palavra "anarquia" quer dizer justamente isto: "sem governo", ausência de poderosos, igualdade de todos os cidadãos. Por isso, quando se tratava de ação sindical, os anarquistas eram contra certas formas de ação.

3. Eram contra a ação indireta, entrada dos trabalhadores na luta eleitoral dos partidos políticos, para eleger seus próprios representantes. Esses representantes não defendiam seus interesses, pois chegando ao governo se corromperiam e cuidando apenas dos seus interesses particulares. Além disso, se os trabalhadores passassem a responsabilidade de lutar por seus direitos para alguns representantes junto ao governo, se acomodariam e perderiam a iniciativa e a força. Também não queriam que as divergências entre os partidos políticos, formados pela classe média e burguesia, fossem trazidas para o movimento operário.

4. Eram contra a existência de "governos" dentro do movimento operário, diretorias com muito poder de decisão, independentes dos outros sócios, que pudessem manobrar o movimento operário sem a participação e decisão de todos.

5. Eram a favor de uma revolução social total, de uma sociedade nova, sem classes sociais: a dos capitalistas, donos dos meios de produção, a dos proletários que possuem a força de trabalho. A nova sociedade seria constituída de trabalhadores manuais ou intelectuais organizados em associações profissionais e donos de seus meios de produção, unidos pela solidariedade para o bem de toda a sociedade.

6. Eram a favor dos sindicatos com a participação de todos os trabalhadores como meio de lutar, na sociedade atual, contra o capitalismo. Na sociedade do futuro como meio de: organizar a vida social, distribuir a produção entre todos conforme seu trabalho e suas necessidades, organizar a educação e a formação profissional. O sindicato seria a base da nova organização social, em que os próprios trabalhadores cuidariam de seus interesses, da ordem, da justiça, e do progresso.

7. Eram a favor da ação direta, do uso pelos trabalhadores de suas formas de luta, com suas atividades próprias, independentes dos políticos e pessoas de fora. Essas atividades eram: as manifestações públicas, as declarações e protestos, os

boicotes e sabotagens da produção, e, principalmente, a greve. Acreditavam que um dia, através da greve geral revolucionária, poderiam tomar o poder, tomar dos capitalistas os meios de produção, destituir o governo burguês e reorganizar a sociedade / com base nos sindicatos. As idéias anarquistas eram bem aceitas pelos operários brasileiros, que representavam uma minoria e não eram eletores frente a um governo de latifundiários preocupados com os interesses da agricultura. Foi a linha anarquista que teve maior influência no período da Resistência Operária.

Outras linhas do Movimento Operário.

Havia outras linhas menos numerosas e menos influentes que os anarquistas, que divergiam deles em alguns pontos, mas todas eram socialistas e anti-capitalistas.

Os socialistas reformistas acreditavam que através da luta política e da formação de um partido operário, que permitisse a entrada de trabalhadores no governo, conseguiram modificações nas leis para melhorar as condições dos operários e controlar a exploração capitalista. Nas poucas vezes que elegiam seus representantes não conseguiam mudanças reais, porque os operários eletores eram poucos (não votavam os estrangeiros, as mulheres, os menores e os analfabetos) e nunca podiam eleger um número grande de representantes para poder influir num governo burguês. Os outros políticos também não se interessavam em agradar os operários, pois não lhes dariam muitos votos nas eleições. Havia ainda alguns que se "vendiam" aos patrões e tentavam "a - calmar" os operários, levando-os a aceitar as propostas dos patrões.

Os socialistas marxistas, ou comunistas, representavam ainda um pequeno número, mas já começavam a se firmar.

Os operários e a política

Embora seu objetivo principal, e a linha própria dos anarquistas fosse a luta para defesa de seus interesses de classe, os operários também se manifestavam em relação a outros problemas da política nacional e internacional, porque percebiam que a dureza de sua vida estava muito ligada a estes problemas.

Violência política contra o movimento operário.

A maioria das organizações, embora muito ativas, duravam pouco, devido a intervenção da polícia, que invadia e fechava sindicatos e associações, / prendia e espancava os militantes, e expulsava do Brasil os operários estrangeiros que entravam nas lutas. ...Continua pag. 19 →

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

N O T I C I A S

* CEBI - CENTRO DE ESTUDOS BÍBLICOS

Com sede no Convento do Carmo, em Angra dos Reis, o CENTRO DE ESTUDOS BÍBLICOS - CEBI - funcionará em caráter ecumênico, podendo participar dos cursos tanto católicos como evangélicos.

Sua FINALIDADE- terá índole genuinamente bíblica, no sentido de captar a vivência da fé popular à luz do registro feito a partir da experiência narrada nos livros do Antigo Testamento.

Seu OBJETIVO- produzir textos e subsídios bíblicos, criar condições para formação de agentes de pastoral, capacitando-os para aprofundar, em suas comunidades, a reflexão bíblica, documentar publicações das comunidades de base e de outros centros que abordam temas bíblicos, divulgar estudos, ensaios e análise bíblica que possam enriquecer a pastoral popular, aprofundar o método exegético da reflexão pastoral popular a partir da caminhada do povo.

QUEM ORGANIZA ?- nascido de muitas conversas e trocas de experiências, o Centro de Estudos Bíblicos foi organizado por Frei Carlos Mesters, Rev. Jether Pereira Ramalho, Frei Carlos Alberto Libânio Christo, Pe. Orestes Stragliotto, Rev. Carlos Alberto Correia da Cunha.

ENDEREÇO: CEBI - CENTRO DE ESTUDOS BÍBLICOS
CONVENTO DO CARMO
CAIXA POSTAL 64
23.900 - ANGRA DOS REIS, RJ.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

2 ORDENAÇÃO EPISCOPAL DE FREI VITAL

O Frei Vital Wilderink será ordenado bispo no dia 13 de agosto, às 16.00hs, na Igreja do Conforto em Volta Redonda.

Além de Dom Waldyr(Volta Redonda), sagrante, Dom Adriano e Dom Mário (Itabira) serão os co-sagrantes. Dom Vital será bispo-auxiliar da diocese de Barra do Piraí- Volta Redonda e se dedicará com atenção especial à região litoral (Paraty, Angra dos Reis). Apresentando a mesma realidade sócio-econômica, a Região II da nossa diocese (Mangaratiba e Itaguaí) elaborará os seus planos pastorais em conjunto com Dom Vital e com os agentes de pastoral daquela região.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

-16-

3 IGREJA DO MARANHÃO DIZ QUE INCRA RECEBE SUBORNO

Num documento divulgado pela CNBB, a Comissão Pastoral da Terra denunciou que nos últimos 10 anos, grileiros de Goiás, São Paulo e Minas Gerais vêm fazendo alianças com políticos, autoridades e até cartórios do Maranhão para ocupar as melhores terras, gerando tensão social, corrupção e injustiças nos pequenos lavradores daquele Estado.

A Comissão informa que foram mortos vários agricultores, e, em resposta, agricultores já mataram um soldado, um grande proprietário e dois de seus capangas (CIC , 11 -7 - 1978).

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

4 ARQUIDIÓCESE DE SÃO PAULO QUER A VOLTA DE SUA RÁDIO

A arquidiocese de São Paulo, através de seu jornal "O São Paulo", pediu a reabertura da Rádio 9 de julho, fechada através do decreto do ex-Presidente Médici, em 30 de outubro de 1973. Afirmou o jornal que "o governo, quando silenciou a Rádio da arquidiocese, não possuía motivo algum para tomar tão drástica medida. Estamos convictos agora que não lhe faltam fortes razões para fazê-la voltar". (CIC, 11-7-1978).

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

5 MÊS DA BÍBLIA

O Regional Leste II da CNBB (Minas Gerais e Espírito Santo) está preparando o mês da Bíblia de 1978, com manuais, discos e cartazes. O tema deste ano será: "Construção do Reino de Deus no mundo do trabalho". E o lema será: "Como encontrar justiça e paz?".

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

6 DIOCESE DE CAMPINAS QUER IMPLANTAR PARÓQUIAS IRMÃS

A arqui-diocese de Campinas, SP, baseando-se no projeto de Igrejas irmãs entre dioceses e prelazias, está pensando em criar PARÓQUIAS IRMÃS. Com isto, a arqui-diocese procurará o melhor caminho de ajuda mútua entre comunidades ricas e pobres. ("A TRIBUNA"- Boletim da arquidiocese de Campinas).

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

NOTÍCIAS

DA DIOCESE

* HISTÓRIA DA IGREJA NO BRASIL

De 26 a 30 de junho foi realizado um curso sobre a História da Igreja no Brasil. Trinta agentes de Pastoral da diocese compareceram no Centro de Formação: 9 leigos, 9 religiosas e 12 padres. O professor - Riolando Azzi - abordou a História da Igreja no Brasil em 4 grandes capítulos:

- Igreja - cristandade (1500 - 1759)
- Igreja - nacional (1759 - 1840)
- Igreja - hierárquica (1840 - 1960)
- Igreja - Povo de Deus (1960 - 1978)

Os participantes adoraram o curso. Sinal disto: não houve nenhuma desistência.

* Nos próximos dias 7,8,9 e 10 de agosto, o clero e as irmãs de paróquia participarão de um retiro, junto com o clero da diocese de Volta Redonda, no Centro de Formação - Arrozal, desta diocese. Orientará o retiro : Dom Marcelo Pinto Carvalheira, bispo auxiliar de João Pessoa.

* D. Angélico, bispo auxiliar de S. Paulo, onde é responsável da pastoral do mundo do trabalho, veio a N. Iguaçu, no dia 11 de julho, falar sobre pastoral operária.

Depois de expor as bases e a urgência da pastoral operária, dividiu os participantes, cerca de 40, em pequenos grupos, para colocarem em comum a sua própria experiência.

O povo reage em ações espontâneas ou organizadas, nos bairros ou nas empresas. Existem organizações até de biscateiros, sem esquecer as dinâmicas organizações das donas / de casa.

No plenário, D. Angélico ajudou-nos a avaliar/ nossa pastoral operária, e a descobrir novos encaminhamentos / práticos. Sua passagem marcará uma nova fase de nossa pastoral operária.

Nosso obrigado por esta oportunidade de troca/ de experiências, em vista de uma Igreja mais incarnada no coração do povo da Baixada Fluminense.

AGENDA PASTORAL - AGOSTO DE 1978

DIA	ATIVIDADE	HORÁRIO	LOCAL
01	Reunião do Clero Informativo Nº 12 Reunião Eq. Missões e Vocações	9.00 às 13.00hs 9.00 hs 14.30 hs	Cen.Form. Cen.Form. Cepac
02	Eq. Missões e Vocações (Plantão)	14.30 às 16.30hs	Cepac
02e	Reunião sobre reestruturação da diocese.	9.00 às 16.00hs	Cen.Form.
03			
04	Encontro de Casais		
05	Reunião de Catequistas	18.00 hs	Prata
06	Inauguração da Capela Cursilhos: Churrasco de Confraternização Reunião de Pais	16.00 hs 12.00 hs 15.00 hs	Cen.Form. N. Lar Pian
07	Reunião de Catequistas	15.00 hs	B.Laranjeiras
08	Retiro do Clero		Arrozal
09	Retiro do Clero Eq. Missões e Vocações (Plantão)		" Cepac
10	Retiro do Clero		Arrozal
13	Ordenação Episcopal do Frei Vital	16.00 hs	V. Redonda
15	Reunião Eq. Missões e Vocações	14.30 às 16.30hs	Cepac
16	Eq. Missões e Vocações (Plantão)	14.30 às 16.30hs	Cepac
17	Comissão Diocesana de Pastoral Reunião Coordenadoras Cat.R.III	14.30 às 17.00hs 15.00 hs	Cepac E.Pedreira
19	Reunião Cat. Região II	14.30 hs	Itaguaí
20	Reunião Jovens interessados - Eq. Missões e Vocações	08.00 às 12.00hs	Cen.Form.
22	Reunião Eq. Missões e Vocações	14.30 às 16.30hs	Cepac
23	Eq. Missões e Vocações (Plantão)	14.30 às 16.30hs	Cepac
24	Comissão Diocesana de Pastoral	14.30 às 17.00hs	Cepac

26	Comissão Diocesana de Pastoral	14.30 às 17.30hs	Cepac
25 27	Encontro Vocacional		Casa de Oração
27	Reunião Cat. Região IV	14.00 hs	Aparecida (Nilópolis)

- Continuação da pág.14: História da C. O. no Brasil

Isso acontecia porque a polícia estava à serviço do governo, formado pela burguesia capitalista, que compreendia a força dos sindicatos e pretendia a sua organização. A burguesia e o governo negavam a existência de problemas sociais no Brasil, bem como a razão nos protestos e reivindicações dos trabalhadores.

O Juiz Vicente de Carvalho, de S. Paulo, denunciou vários crimes da polícia contra operários, sendo por isto afastado do cargo e aposentado. Os grandes jornais de propriedade dos capitalistas e defensores dos seus interesses, justificavam a violência policial, atribuindo as manifestações e greves a "agitadores estrangeiros, pagos por outros países, para atrapalhar a industrialização do Brasil". O governo e os patrões também diziam o mesmo, e inventavam que os anarquistas eram criminosos, que queriam acabar com o governo através de assassinatos e bombas, incêndios e violências. O famoso incêndio da Casa Alemã, em 1909, em São Paulo, foi injustamente atribuído aos anarquistas através dos jornais, que acusavam uma tal organização "Mão Negra". Os anarquistas não podiam se defender nos jornais, só contavam com suas pequenas publicações que não atingiam outras faixas da população.

Para dar maior liberdade de ação à polícia, o governo criou uma lei, chamada "Lei Adolfo Gordo", que estipulava o seguinte: impedia a formação de organizações operárias e movimentos grevistas; dava poderes especiais à polícia para reprimir os operários; premiava os delatores e espiões; criava para os operários estrangeiros a pena de expulsão do Brasil e para os brasileiros o exílio nos seringais do Acre, nos sertões do Nordeste ou outras regiões distantes; prescindia de processo na justiça, bastando uma acusação do patrão ou de um furagrevés para a prisão ou expulsão.

Entretanto, o fechamento pela polícia de uma organização não desanimava os trabalhadores e não impedia que logo fundassem outras.

-20-

LIVROS - LIVROS - LIVROS - LIVROS - LIVROS - LIVROS - LI

O CATOLICISMO POPULAR NO BRASIL, (*Cadernos de Teologia e Pastoral N° 22*) - Ridando Azzi, Ed. Vozes Ltda, 1978 - 156p. (Cr\$60,00)

Este estudo visa oferecer alguns elementos para melhor compreensão do catolicismo popular no Brasil. Para uma análise mais profunda, necessitamos ter presente uma visão global de quadro em que se desenvolveu o catolicismo no Brasil. O livro nos fornece dados abundantes sobre as variadas expressões do catolicismo popular: px. confrarias, procissões, santuários, romarias, festas, etc...

MISSA E RELIGIOSIDADE POPULAR, *Reflexões pastorais e missionárias* - Martien M. Groetelaars, Ed. Vozes Ltda, 1978 - 92p. ... (Cr\$35,00)

O autor analisa e compara a Missa de Jesus Cristo, nossas Missas e a Religiosidade Popular. Ele nos leva à reflexão sobre o ponto alto da nossa pastoral litúrgica e sacramental.

A MARGEM DA VIDA, *num leprosário do Acre* - Francisco Augusto Vieira Nunes (Bacurau) - Ed. Vozes Ltda, 1978 - 92p. (Cr\$35,00)

Bacurau, professor primário num leprosário, que já trabalhou como ajudante de pedreiro, capeiro, agricultor, datilógrafo e outros serviços similares, descreveu em linguagem simples a sua própria experiência como leproso e animador de sua comunidade.

PARA O DIA DOS PAIS

CELEBRAÇÕES DA PALAVRA DE DEUS PARA O DIA DOS PAIS

Ed. Vozes Ltda, 30p. (Cr\$ 10,00)

O OFÍCIO DE PAI - José Paulo Antônio Lemos, Ed. Vozes Ltda, 1975, 30p. (Cr\$ 10,00)

VIAJANDO COM O PAPAI - Ed. Paulinas - livrinho com mensagens ilustrado (Cr\$18,00)

PAI AMIGO - Ed. Vozes Ltda, - livrinho com mensagens - ilustrado (Cr\$ 25,00)

MÊS DE SETEMBRO = MÊS DA BÍBLIA

(Promoção de Bíblias e estudos bíblicos
a partir de agosto)

Livraria interna da diocese: CEPAC

Rua Capitão Chaves, 60
26.000 - Nova Iguaçu - RJ.